

ESPIRAIS

Roderick Gordon



Tradução
Ryta Vinagre

ROCCO
JOVENS LEITORES

PARTE UM

A Fase



Capítulo Um



Bum!
Além do barulho e do medo agonizante de se machucar fisicamente, o que há de mais apavorante numa explosão é o milissegundo em que todo o mundo se rompe. É como se o próprio tecido do tempo e do espaço se desfizesse, e caíssemos por ele sem termos ideia do que está do outro lado.

Quando o coronel Bismarck voltou a si, estava esparramado em um piso de mármore. Por um momento foi incapaz de se mexer, como se seu corpo o impedisse. Como se ele soubesse que não devia fazer isso.

Embora houvesse um completo silêncio, o coronel não levantou nenhuma suspeita. Não sentiu alarme, nem urgência. Olhou o teto espatifado, onde pedaços de reboco brancos como a neve balançavam suavemente. Ficou cativado com esse movimento – de um lado a outro, de um lado a outro –, como se fossem apanhados numa brisa. Ficou ainda mais enfeitiçado com o espetáculo de alguns pedaços que se soltavam, caindo em câmera lenta no chão a sua volta.

Sua audição começou a voltar.

Ele distinguiu um som que o lembrou de um pica-pau.

– *Vater* – disse ele, recordando-se das viagens de caça que fazia com o pai nas selvas da Nova Germânia. Às vezes eles chegavam a ficar uma semana fora, dormindo numa barraca e disputando tiros.

Era uma lembrança reconfortante. Deitado em meio aos destroços da explosão, o coronel suspirou, como se não desse a mínima para o mundo. Ouvia de novo o matraquear, ainda muito distante. Não o associou com o disparo rápido de armas automáticas.

Depois, o prédio do Royal Mint foi abalado por uma segunda explosão. O coronel fechou os olhos com o clarão ofuscante, em cada detalhe tão brilhante quanto o sol em seu mundo no centro da Terra.

A onda percussiva passou brutalmente sobre ele, arrancando-lhe o ar dos pulmões.

– *Was ist...?* – O coronel ofegou, ainda de costas, enquanto cacos de vidro voavam pela sala feito granizo e tiniam no mármore polido em volta dele.

Então, soube que havia alguma coisa errada. Não só tudo se tornava rapidamente enevoado pela fumaça preta e sufocante, mas também sua mente parecia estar tomada por ela.

– *Wie komme ich hierher?* – disse ele, tentando compreender.

Ele não fazia a menor ideia de como chegar ali. A última lembrança que parecia substancial o suficiente para ser confiável era de sofrer uma emboscada na Nova Germânia. Ele se lembrou de ser capturado pelos Styx, mas depois – e achava isso estranho – só conseguia se lembrar de uma luz roxa. Não, *luzes* roxas, muitas, ardendo com tal intensidade que suas lembranças eram comparativamente opacas.

Ele se recordou vagamente da longa jornada à crosta externa e pouca coisa depois disso, até que se viu em um caminhão com um esquadrão de seus soldados neogermanos. Foram levados a um prédio grande – uma fábrica. E, relacionado com essa fábrica, e ainda à frente de seu pensamento, havia algo que ele precisava fazer. Uma tarefa tão

fundamentalmente importante que sobrepujava todas as outras considerações, até sua própria sobrevivência.

Mas nesse momento não conseguia situar que tarefa teria sido. E não tinha tempo para refletir melhor. De repente uma rajada de balas vinda de perto o estimulou a agir. Sentou-se, estremeecendo da dor aguda no lado da cabeça que tinha batido no chão. Tossindo e engasgado, a fumaça acre prendendo-se na garganta, ele entendeu que sua prioridade máxima era procurar proteção.

Ele se arrastou por uma porta, onde a fumaça era menos densa e descobriu que estava num escritório, de teto alto e uma mesa com um vaso de flores. Fechando a porta com um pontapé, encostou-se nela enquanto analisava seu próprio estado. O cabelo se encontrava encharcado devido a um corte na nuca, mas ele não tinha como saber de sua gravidade – a pele em volta dele estava entorpecida e ele sabia, por experiência própria, que os ferimentos na cabeça sangravam profusamente. Passou as mãos pelo resto do corpo, sem descobrir outros ferimentos. Não estava fardado, vestia um casaco e roupas civis, sem reconhecer nenhuma delas. Mas pelo menos tinha o cinto militar e sua pistola ainda estava no coldre. Ele a pegou, tranquilizando-se com o peso na mão. Algo que conhecia. Esperou, procurando ruídos do outro lado da porta.

Não teve de esperar muito. Depois de uma breve trégua, ele captou vozes em inglês e o barulho de botas pisando nos escombros do corredor onde estivera. Alguém forçou a porta da sala com o ombro, abrindo-a, e entrou de rompante. O homem estava vestido de preto, trazendo POLÍCIA no peito. Usava uma máscara de gás e capacete e estava com uma arma automática que o coronel Bismarck nunca viu na vida.

Pegando o policial de surpresa, o coronel passou o braço por seu pescoço e o deixou inconsciente. Enquanto o rádio do homem zumbia, o coronel rapidamente tirou seu uniforme e o vestiu. Ao colocar

a máscara de gás, percebeu que saíra ainda mais sangue do corte na cabeça, mas não podia se preocupar com isso agora.

Ele se familiarizou com o fuzil de assalto, que achou muito simples. Depois saiu da sala e deu alguns passos para dentro da fumaça negra, ficando cara a cara com outro policial com idênticos trajes de cerco. Quando os olhares se encontraram pelas lentes das máscaras, o homem fez um gesto, mas o coronel não sabia como responder. Uma pergunta se formou nos olhos do homem. Julgando que seu disfarce fora descoberto, o coronel começou a erguer o fuzil de assalto H&K que tinha nas mãos.

Foi salvo por outra explosão, que rasgou o corredor e o arrancou do chão. Tonto, o coronel se levantou e cambaleou pela entrada principal, onde as portas estavam tortas e penduradas em dobradiças quebradas. Quase perdendo o equilíbrio ao errar um degrau, ele se viu vacilante na calçada da frente do prédio.

Ele ficou petrificado.

Confrontava-o um cordão de homens armados – homens demais para ele dar conta sozinho. Todos estavam atrás de veículos descartados ou escudos de tropa de choque, com as miras a laser apontadas para ele.

O coronel não estava preparado para o que aconteceu em seguida. Com a cabeça ainda girando e os sentidos entorpecidos, ele não reagiu quando o fuzil foi arrancado de sua mão. Ao mesmo tempo, ele foi erguido do chão por dois policiais e carregado a passos rápidos.

– Está tudo bem, meu chapa, não se preocupe. Vamos conseguir ajuda para você – disse o homem a sua esquerda, solidário. O segundo policial falou alguma coisa, mas o coronel não entendeu.

Sua escolta retirou o capacete e a máscara de gás dele.

– Você não é um dos nossos – disse o policial, ao ver a cara ensanguentada do coronel.

– Deve ser da Equipe E... Um sujeito do interior – disse o outro. Mas o coronel não ouvia. A menos de seis metros, um corpo se estendia na sarjeta. Em volta dele, uma roda de policiais ria e fazia piada enquanto um deles o cutucava com o bico da bota. O coronel reconheceu o morto de imediato. Era um neogermano de seu próprio regimento. Ele conhecia bem o soldado e sua esposa – recentemente, tiveram uma filha. O coronel tentou empurrar os dois policiais que o escoravam, mas seu gesto foi interpretado como uma demonstração de fúria.

– É... O resto deles vai ser ensacado e etiquetado dentro de uma hora – prometeu o maior dos dois policiais num rosnado. – Não sei quem são esses filhos da puta, mas nós já empacotamos quatro deles.

O coronel ainda tentava se libertar e o outro policial falou, num ritmo pausado, como se estivesse prestes a explodir de raiva:

– Calma, policial. Deixe que a gente termine o trabalho.

O coronel grunhiu um “sim”, percebendo que precisava cooperar se não quisesse ser identificado como um dos protagonistas. Deixou que os dois policiais o ajudassem até o fim da Threadneedle Street, entrando depois numa rua secundária, onde havia ambulâncias à espera.

– Cuide dele, sim? Foi apanhado na última explosão – ordenou um dos policiais a um paramédico. Deixaram-no ali e voltaram correndo ao Banco da Inglaterra.

Na ambulância, o paramédico começou a examinar o coronel.

– Mas esse é um belo bigode! – exclamou. Pelo tremor em suas mãos, o jovem paramédico claramente nunca tivera uma experiência dessas na vida. Ele limpou o ferimento na cabeça do coronel e dava os últimos retoques em um curativo quando vieram gritos do início da rua. Novas vítimas eram carregadas em macas. O paramédico foi em seu socorro, dando ao coronel a oportunidade que procurava. Embora

ainda estivesse meio grogue, conseguiu descer da traseira da ambulância e fugir.

Com tanta gente uniformizada inundando a área – tanto da polícia como de um número cada vez maior de militares –, ninguém deu pela presença do coronel. Mantendo-se nas ruas secundárias, ele só parou ao perceber a entrada nos fundos de um dos grandes prédios comerciais. Para além de suas portas abertas, ele viu uma rampa que descia ao estacionamento subterrâneo. O coronel desceu, experimentando os veículos e tentando encontrar algum que estivesse destrancado, quando apareceu um homem de terno risca de giz. O homem foi direto a um quatro por quatro grande e, justo quando estava colocando duas pastas executivas no porta-malas, o coronel o nocauteou. Trocando o paletó da polícia pela roupa do homem inconsciente, o coronel o colocou ao lado das pastas e fechou com força o porta-malas.

Embora só tivesse dirigido carros que circulavam em mão esquerda, o coronel não teve dificuldade para manobrar o veículo rampa acima e andar pelas ruas. Ao se juntar a uma fila de trânsito que esperava para sair do caos no centro, ele vasculhou os bolsos do paletó do homem. Encontrou uma carteira, da qual retirou os cartões de crédito, jogando-os no banco do carona depois de examiná-los. Enfim, encontrou uma carteira de habilitação com o que só podia ser o endereço da casa do homem, e começou a olhar as placas na rua por onde passava. Não sabia se ia encontrar o caminho até a casa, mas agora estava fora de perigo imediato e podia tomar seu tempo.

Ele tocou um controle no console ao lado de seu banco e o emblema azul e branco da BMW acendeu numa pequena tela no painel. O coronel sorriu. Com alguns cliques, ele navegou pelo sistema GPS de bordo. De imediato digitou o código postal da carteira de habilitação. Enquanto uma voz feminina e autoritária lhe dava a direção, o coronel assentiu, permitindo-se abrir um sorriso ainda maior.

– *Bayerische Motoren Werke*. – Ele suspirou, passando as mãos com prazer pela borda de couro luxuosa do volante. – *Ausgezeichnet*. – O coronel conhecia muito bem essa marca porque seu pai tinha voado numa aeronave fabricada por eles na Grande Guerra.

Certos aspectos do mundo exterior em que o coronel agora se via eram tão familiares que quase fingiu que ainda estava na Nova Germânia. Mas ele teria de se acostumar com outros aspectos. Para começar, a gravidade era tão forte ali, que cada movimento dele era um esforço, como se seus braços e pernas pesassem como chumbo.

E o sol...

Olhou pelo para-brisa escurecido, admirando-se com um globo feroz que pendia nos céus, menor e mais fraco do que aquele onipresente e sempre ardendo que ele conheceu a vida toda. Mesmo agora não estava diretamente a pino, e para ele foi uma revelação que pudesse cair bem abaixo do horizonte com o início da noite, o início da *escuridão*.

E as pessoas nas ruas. Gente de todas as raças. Ele viu um negro idoso tropeçar e sofrer uma queda feia. Logo uma mulher branca se aproximou para ajudar.

Não por opção, mas devido a suas origens, a Nova Germânia era monorracial e o coronel Bismarck sabia muito bem que atrocidades foram cometidas na Alemanha durante a guerra. Enquanto observava a mescla de pessoas que faziam o êxodo do centro, ele sorriu. Estava verdadeiramente em uma civilização esclarecida.

Continue por trezentos metros até a rotatória da Old Street, depois pegue a segunda saída, ditava mecanicamente o GPS.

O coronel pode ter sido arrancado de sua terra natal pelos Styx e atirado nesse ambiente novo e estranho, mas não ia jogar a toalha. Era um homem engenhoso, um sobrevivente.

E, além de tudo, tinha contas a acertar.